

JULIETA BOSSOIS

REENCONTRO NA TEMPESTADE

EDITORIA AGBOOK

2011

www.agbook.com.br

2011

Colaboradora: Luara Bossois

Capa e ilustrações: Internet

(Nenhuma violação de Direitos Autorais pretendida)

Todos os Direitos Reservados.

Nenhuma parte desta Obra poderá ser copiada ou reproduzida por quaisquer meios: impresso, eletrônico ou outros, sem o prévio e expresso consentimento da Autora.

Bossois, Julieta – 1944

Título: Reencontro na Tempestade

240 páginas

O.N.P. – 54328701239/ ES – 46782016/ DF

Literatura Nacional/ Romance/ Drama

AgBook – 2011 – SP

AlphaGraphics

2011

*Aos brasileiros, vítimas de
enchentes, com todo o meu
respeito e solidariedade.*



- Renata!... Renata!... Onde estará essa menina, gente?!...

O filho mais novo entrou na cozinha e Mirian perguntou, meio aborrecida com a ausência da filha:

- Viu sua irmã, Carlinhos?

- Está na casa da Clotilde, mamãe.

- Então vá chamá-la, querido. Diga-lhe que preciso falar com ela.

O menino saiu correndo e gritou com a alegria estampada no rostinho rechonchudo:

- Já estou indo, mãe!

Carlinhos tinha 3 anos de idade e a esperteza de 5 anos. Moreninho de olhos castanhos vivos, cabelos negros sedosos, muito obediente e carinhoso. Gostava quando o mandavam à casa de Clotilde, pois assim podia ouvir a elétrica e animada música da campainha que o fazia esquecer o resto do mundo. Tratava-se do tão conhecido chorinho do compositor Waldir Azevedo, “Brasileirinho”.

A própria Clotilde abriu a imensa porta envernizada. Era loira de olhos azuis, simpática, rica e melhor amiga de Renata.

- Oi, querido, o que houve? – Perguntou sorrindo e fazendo um carinho rápido no rosto do garotinho.

- Mamãe mandou chamar a Renata.

- Ela veio aqui, sim. Diga à sua mãe que ela estava meio estranha. Entrou me chamando e quando vim recebê-la, saiu correndo e não voltou. Não dei muita importância. Afinal, está sempre agindo de forma brusca e rebelde que...

- Obrigado, Clô! Vou falar com a mamãe. – Gritou impacientemente, já

correndo qual um coelho assustado, causando um sorriso divertido na moça.

- Esse Carlinhos não tem jeito, vive correndo! – Pensou.

Em poucos minutos o menino parava ao lado da mãe.

- Mamãe... ela foi lá, mas já saiu. A Clô disse (tentou imitar a garota): “ Ela estava meio estranha. Entrou me chamando e quando vim recebê-la, saiu correndo e não voltou”. Ela disse mais alguma coisa, mas esqueci.

- Está bem, filho, obrigada. – Continuou lavando as louças do almoço e comentou, conformada: - Certamente voltará logo, como sempre faz.

O dia terminava e Renata não tinha voltado ainda. Mirian começava a se preocupar seriamente. Resolveu comunicar o fato ao marido, mas pessoalmente.

- Márcio, tome conta do seu irmãozinho. Vou à loja conversar com seu pai.

- Tudo bem, mãe.

A mulher pegou a moto na garagem e se dirigiu à loja de material de construção,

situada no outro extremo da pequena cidade onde moravam no interior de Minas Gerais. Cinco minutos depois chegava. Entrou no escritório do marido com a fisionomia contraída.

Era uma mulher muito bonita. Aparentava uns 28 anos, mas já completara 39. Os olhos verdes contrastavam com os negros e bem tratados cabelos lisos que chegavam aos ombros.

- O que está fazendo aqui, meu bem? O que aconteceu? – O homem ficou surpreso com a visita inesperada.

- Roberto, estou preocupada com a Renata. Saiu logo depois do almoço e ainda não voltou.

- Calma, mulher!... Ela sempre faz isso, amor. Não há motivo para tanta preocupação. Aconteceu alguma coisa que possa ter provocado a rebeldia dela?

- Bem... assim que você saiu, ela me pediu dinheiro para comprar sapatos e bolsa que viu na vitrine de uma boutique. Imagine, um conjunto de sapatos e bolsa numa boutique, Roberto!...

- Além do mais, ela comprou tudo isso não faz nem um mês, Mirian!

- Para você ver, não é? E por isso neguei e até dei uma bronca. Não sei o que essa menina tem na cabeça?!...

- Menina?!... Mirian, ela não é mais uma menina. Já completou 18 anos, apesar do comportamento infantil. Na verdade, está precisando acordar para a realidade. Ela pensa que dinheiro cai do céu. Já que não quer continuar os estudos, teria de trabalhar para dar valor às coisas. Já estou cansado de oferecer um trabalho remunerado aqui comigo, mas não aceita. – Comentou o homem começando a perder a paciência.

- Oh, Roberto, temos de fazer alguma coisa para resgatar a nossa Renatinha de antes!... Onde estará ela agora, amor?... Onde?!... Tenho medo que faça alguma besteira. Está sempre meio fora de si...

- Vamos para casa. Já está na hora de fechar mesmo. Em casa, pensaremos numa solução.

Quando saíram do pequeno e aconchegante escritório, os funcionários acabavam de fechar as grandes portas de

ferro. Mais um dia de trabalho tinha terminado para eles.

Deixaram a moto dentro da loja, pois Mirian voltaria com ele de carro.

Roberto dirigia meio tenso e muito preocupado. Desta vez a filha tinha exagerado.

Era um homem maduro, de cabelos grisalhos, olhos castanhos e bondosos, moreno claro, bonito e muito forte, apesar dos seus 50 anos. Praticava esportes com os amigos e era bem recompensado por isso.

Estacionou o carro na frente da casa branca e simples, porém muito bem cuidada que compraram com a ajuda do pai de Roberto, há 10 anos, quando se mudaram para Santa Vitória. Anteriormente moravam em Belo Horizonte ao lado dos pais dele. Mas os negócios não andavam bem e decidiram tentar a sorte numa pequena cidade e acertaram na decisão, pois agora viviam razoavelmente bem com a loja que Roberto administrava com amor e dedicação. Não viviam o luxo de alguns vizinhos, mas não passavam mais as dificuldades de antes.

E estavam felizes, porque, além disso, contavam com muitos amigos sinceros.

- Márcio, sua irmã já chegou? –

Perguntou Roberto com receio da resposta.

- Ainda não, pai.

Márcio era o segundo filho do casal. Tinha 10 anos, pele morena, olhos castanhos expressivos, cabelos negros e muita responsabilidade. Ele e o irmãozinho se pareciam muito com o pai. E Renata era quase um clone da mãe. A diferença estava nos cabelos castanhos claros caindo em cachos soltos até perto da cintura. Mas, os mesmos olhos verdes e o mesmo corpo esbelto e cheio de vida que sua mãe tivera aos 18 anos.

Renata tinha sido mimada pelos avós e tios. Mas o excesso de atenção foi bruscamente interrompido quando se mudaram para Santa Vitória, devido à distância.

A garota não conseguia entender que os pais eram as pessoas que mais a amavam, justamente por tratarem-na sem excesso de mimo, sem exageros como todos deveriam ter feito.

Sentia falta da atenção dos familiares e achava que os pais não a amavam tanto quanto os outros. E aí estava o resultado daquilo que os seus familiares consideravam um grande e verdadeiro amor. A menina se tornou rebelde e agressiva. Não só se sentiu destronada pela falta daqueles que a endeusavam, como também pelo nascimento do irmão Márcio que nasceu no mês seguinte à mudança para Santa Vitória. Sentiu-se rejeitada e perdida quando viu a mãe chegando da maternidade com o bebê apertadinho no peito e um sorriso de felicidade. E agora seus pais enfrentavam mais uma de suas atitudes mesquinhas e egoístas.

Já passava de 22 horas e a mocinha ainda não tinha voltado para casa.

- Mirian, procure novamente nos vizinhos. Vou ligar para a polícia. – Pediu o homem sério.

A esposa sentiu um aperto no coração ao ouvir as palavras do marido.

Quando saiu na varanda encontrou a filha chegando calmamente, como se nada tivesse acontecido de anormal.

- Filha, onde estava até agora? – Quis abraçá-la, mas a garota se esquivou bruscamente com uma resposta inconcebível:

- Aaaahh, não me amole!... Não posso mais sair desta casa?!... Agora sou uma prisioneira também?... A prisioneira do castelo das sete chaves! – Ironizou.

Seu pai ouviu tudo e, apesar de toda a calma que lhe era peculiar, não se conteve e esbofeteou a filha sob o protesto da esposa. Era a primeira vez que acontecia.

- Roberto, pelo amor de Deus, isso não!

Renata gritou alucinada:

- Maldito, por que não me mata de uma vez?!... Vocês ficariam livres de mim e eu de vocês! – Seus olhos vidrados mostravam todo o ódio que sentia.

Assustados, os meninos correram para o quarto.

Mirian chorava de angústia e dor. Presenciava a desarmonia da família que um dia fora tão feliz.

A moça correu para o próprio quarto e bateu a porta com força.

- Mirian, ainda está acordada? –
Perguntou Roberto deitado ao lado dela.

- Sim. – Foi a resposta apagada.

- O que acha de aproveitarmos as férias escolares e fazermos uma viagem com a galerinha? Estamos no início de janeiro. Dá para aproveitarmos bastante. Quem sabe uma união mais estreita entre nós ajude nossa filha despertar desse pesadelo que tem sido sua vida? Poderemos tirar um pequeno empréstimo bancário.

- É uma excelente ideia, meu amor, mas... e essa chuva que não dá trégua há dias? As estradas estão péssimas. É muito perigoso. Estiou hoje, mas não vai parar. O serviço de meteorologia já avisou que vai continuar.

- Querida, perigoso também está o afastamento cada vez maior da Renata. Vejo ódio em seus olhos. Sua mente está

perturbada, doentia e ela não aceita fazer um tratamento psicológico. Diz que nós é que estamos loucos. Precisamos fazer alguma coisa o mais rápido possível, antes que seja tarde demais. Teremos cuidado nas estradas. Será um passeio, não precisaremos correr.

- Ai, Roberto, a que ponto chegou a nossa vida!... Vamos tentar, querido. E que Deus nos proteja!

- Ótimo. Iremos até a casa dos velhos em BH. Depois poderemos ir a São Paulo, Rio e até dar uma esticadinha à Guarapari, no Espírito Santo. Renata sempre quis conhecer aquele balneário. Seria uma boa oportunidade.

Ficaram mais animados e conversaram até tarde sobre o passeio. Quando dormiram, sonharam com ele.

Pela manhã comunicaram aos filhos a decisão de viajarem.

Os meninos pularam de alegria. Renata recebeu a notícia friamente. Tinha gostado da ideia, mas não quis dar o braço a torcer.

Dois dias depois começaram os preparativos para a grande e decisiva

viagem. Logicamente sem que os filhos soubessem o principal objetivo.

Como se a natureza quisesse colaborar, naquele dia o sol saiu com toda força, deixando todos eles mais animados ainda.

- Papai, quantos dias a gente vai ficar viajando? – Perguntou o eufórico Carlinhos.

- Uns 20 dias, filho.

- Só isso?!... Eu queria viajar o ano inteiro. – Riu o menino feliz da vida.

Márcio, por sua vez, sentia o coração acelerar a cada minuto de espera. O dia da partida parecia não chegar nunca.

Renata relaxou e abriu a guarda. Estava animada ajudando arrumar as malas. Momento raríssimo que deixou Mirian feliz.

- Mãe, onde está o meu pijama rosa bordado?

- Está no varal com outras roupas que vamos precisar, querida.

- Márcio, pode pegar tudo para nós?

- Ok, mana! – Quando terminou de responder, já estava saindo para o quintal.

- Mãe, aquelas camisetas novas dos meninos não estão no guarda-roupa.

- Estão no varal também, filha. Márcio vai trazer.

Roberto já tinha providenciado o que lhe competia e lia o jornal na poltrona da sala. Ficou preocupado com as notícias sobre o tempo. Mas vendo mãe e filha se entendendo tão bem, preferiu esquecer e realizar a viagem que certamente salvaria sua querida Renatinha.

Renata deixou de ser amiga da mãe desde o nascimento do irmão Márcio. Era a primeira vez que ele via uma cena de paz e harmonia entre as duas. Sorriu satisfeito.

- Meninas, não encham demais as malas. Poderemos comprar alguma coisa na viagem. – Comentou feliz.

- Vamos fazer o possível, embora seja muito difícil. Cinco pessoas... vinte dias... vamos tentar. – Respondeu a esposa no auge da alegria.

- Coloquei uma lona grande no portamalas para o caso de precisarmos. Sugiro que levemos cobertores e travesseiros também. O que acham?

- Boa ideia, amor! Respondeu Mirian.
Márcio entrou correndo no quarto.

- Aqui estão as roupas do varal, Renata! – Disse jogando tudo sobre a cama.

- Cuidado, seu doido! Você embolou a roupa toda. – Gritou a garota.

- Posso levar meu carrinho de polícia, mãe? – Gritou Carlinhos.

Renata separou as peças dela e foi para a sala acabar de arrumar a sua própria mala.

- Posso ou não posso, mãe? – Tornou a gritar Carlinhos.

- Não. Não pode. Só levaremos o essencial. Nada de brinquedos ocupando espaço, querido. Vamos nos divertir muito, você vai ver!

O menino ficou emburrado.

- Por que o papai não compra um ônibus igual o da escola? Aí eu ia poder levar todos os meus brinquedos. Vou sentir saudade de todos eles.

- Se eu ganhar na loteria, prometo comprar um ônibus bem grande, está bem? – Respondeu o pai, rindo.

- Obaaaa!... Papai disse que vai comprar um ônibus grandão, gente! – De repente ficou pensativo e concluiu meio

decepcionado: - Mas só se ganhar na loteria. Pai, não esqueça de jogar todos os dias, tá?

- Não esquecerei, filhote! – Riu o homem.

Roberto amava a espontaneidade do esprevidado Carlinhos.

Vendo a filha arrumando as roupas na mala, comentou com naturalidade:

- Filha, leve aquele biquíni amarelinho. Fica lindíssimo em você.

A garota enrijeceu o corpo e fechou a cara, como se tivesse levado uma chicotada.

- Deixe de bajulações! Mamãe e os meninos sempre foram seus verdadeiros amores. Pensa que não percebo?

Roberto ficou sério. Era impressionante como a filha se transformava com tanta facilidade.

- Está enganada, filha. Sinto por todos vocês o mesmo amor. Um dia você vai entender isso e aí seremos novamente uma família feliz.

A garota não lhe deu ouvidos e gritou para a mãe:

- Mãe, só vou levar o biquíni preto!...

- Por que não leva todos, querida? São tão lindos!

- Porque só gosto do preto. – Respondeu atrevidamente.

- Está bem, faça como preferir. – Falou a mulher, sem imaginar que aquilo era uma provocação ao pai.

Roberto precisou se conter para evitar uma nova confusão justamente naquele momento.

- Preciso ter calma. Não posso estragar tudo agora. – Pensou com raiva e voltou a ler o jornal.

Renata silenciou e continuou arrumando a mala de cara feia.

Mirian entrou na sala com a mala do casal, seguida por Márcio que trazia mais uma. Com a da mocinha seriam três.

Roberto disfarçou a raiva pelo incidente com a filha e comentou sorrindo:

- Três malas, querida?!... Não acha muito?

- É o mínimo que podemos levar, amor. Uma para nós dois, uma para os meninos e uma para a Renatinha.

- Tem razão, querida.

A mulher percebeu que algo desagradável pairava no ar e perguntou, preocupada:

- O que houve, Roberto? Você não está bem. Aconteceu alguma coisa?

- Não é nada sério. Apenas a preocupação natural de uma viagem. – Preferiu nada dizer.

- Mãe, ainda falta muita coisa? – Perguntou o ansioso Carlinhos. Para ele parecia já ter passado séculos desde que o pai anunciou a viagem.

- Está tudo pronto, meu bem. Ah, só falta pegar os documentos pessoais de vocês dois. – E voltou ao quarto. Quando retornou, Roberto perguntou em tom de brincadeira:

- Tudo sob controle, tripulação?

- Tudo pronto para zarpar, senhor comandante! – Respondeu Márcio entrando no clima da brincadeira e fazendo uma desajeitada continência.

- Então, agora é só jantar e dormir cedo. Amanhã sairemos no máximo às 8 horas.

Aquela noite, certamente, seria terrivelmente longo para todos eles.

Carlinhos sonhou que estava na Disney. Corria entre os bichinhos maravilhosos que já conhecia muito bem. Era tão fascinante... tão real...

- Mickey, aonde você vai? Quero ir com você!... – Implorou com os olhinhos brilhando.

- Não, amiguinho! Agora vou trabalhar. Brinque com os outros bichos, ok?

O garotinho ficou parado olhando o ratinho se afastar todo empinado. Ria às gargalhadas ouvindo a voz esganiçada daquele personagem tão simpático.

De repente sua atenção se voltou para outro cenário.

- Uau!... É o Jerry fugindo do Tom!... Aqui, amiguinho!... Eu te protejo, venha!...

Mas o ratinho nem olhou para ele e continuou correndo como uma flecha e entrou em um buraco na parede, desaparecendo diante dos olhos admirados do menino. O gato Tom, muito sonso, fingiu que não viu o garoto, deu meia volta e também desapareceu numa esquina, deixando Carlinhos confuso.

- Que mundo maravilhoso!... – Gritou feliz.

Quando menos esperava, um bando de animais apareceu correndo numa outra esquina e Carlinhos se apavorou.

- Socorro, papai!... Mamãe, me ajude!...

Mirian acordou assustada com os gritos dele, levantou às pressas e correu em seu socorro. Carlinhos se debatia na cama.

- Carlinhos, o que tem, meu filho? Está sentindo alguma coisa? Carlinhos!... – Sacudia o menino com aflição.

- Os bichos vão passar por cima de mim! Quero sair daqui!

Aliviada, Mirian o abraçou e disse sorrindo:

- Querido, você só está tendo um pesadelo!

- Não, mãe!... Não é pesadelo, não! É um sonho maravilhoso! Eu estava na Disney e...

Ela o beijou.

- Então, volte a dormir para sonhar mais um pouquinho com a Disney. – Riu ela.

Ele virou para o outro lado e tornou a dormir. Mirian afagou os cabelos dele e voltou para o seu próprio quarto.

Roberto acordou também e perguntou:

- O que aconteceu, querida?

- O Carlinhos estava sonhando com a Disney e parece que alguns animais iam passar por cima dele. – Explicou e os dois riram da ansiedade do filho.

- Acho que essa viagem está causando grandes emoções. – Disse Roberto satisfeito.

Ao amanhecer a chuva voltou a cair fininha.

A família de Clotilde e outros amigos chegaram cedo para as despedidas.

Ficaram conversando um pouco sobre a viagem. Uns recomendavam bons hotéis e pontos turísticos que já conheciam; outros pediam a Roberto que não corresse nas estradas; Clotilde pediu que fossem dando notícias e acabaram conversando demais.

Não conseguiram sair às 8 horas como pretendiam, mas estavam muito felizes e não se importaram com isso.

Finalmente, às 9:10 conseguiram partir. Os meninos e a jovem em busca de

diversão, Roberto e Mirian em busca de solução.

Acenaram para os amigos que demonstravam um pouco de preocupação.

- Fiquem tranquilos. Vamos devagar. Só vamos passear, lembram? – Brincou Roberto.

A chuva caía fina, mas não demorou a engrossar.

O carro, com uma grande bagagem e uma esperança ainda maior, deslizava suavemente, deixando para trás a pequena cidade que conhecia tão bem o drama daquela família constituída de pessoas simples e honestas que agora partiam em busca da harmonia perdida.

- Que chuva chata!... A gente nem pode admirar direito a beleza dos campos, das... – Márcio parou de falar, com os olhos arregalados – Veja pai, que lindo!... É um guaxinim, não é?

-Sim, filho. Mas como pôde ver o bichinho com esta chuva? – E todos riram, exceto Renata.